

Virgínia Ostroski Salles  
Damaris Beraldi Godoy Leite  
Antonio Carlos Frasson  
(Organizadores)

# Formação de Professores: Perspectivas Teóricas e Práticas na Ação Docente

Virgínia Ostroski Salles  
Damaris Beraldi Godoy Leite  
Antonio Carlos Frasson  
(Organizadores)

# Formação de Professores: Perspectivas Teóricas e Práticas na Ação Docente

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Lorena Prestes  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
F723	<p>Formação de professores [recurso eletrônico] : perspectivas teóricas e práticas na ação docente / Organizadores Virgínia Ostroski Salles, Damaris Beraldi Godoy Leite, Antonio Carlos Frasson. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-787-1 DOI 10.22533/at.ed.871191911</p> <p>1. Educação. 2. Prática de ensino. 3. Professores – Formação. I. Salles, Virgínia Ostroski. II. Leite, Damaris Beraldi Godoy. III. Frasson, Antonio Carlos.</p> <p style="text-align: right;">CDD 370.71</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Diversidade que busca a unidade. A tentativa da unidade na diversidade. A complexidade da diversidade! Complexidade, diversidade em busca de aproximações e perspectivas de unidade na educação! Estas expressões estão a cada ano, neste século, sendo mais debatidas e pesquisadas nas instituições de ensino superior e, particularmente nos programas de Pós-Graduação.

É exatamente sobre essa diversidade e complexidade, contidas no campo educacional que trata este livro, resultado do conjunto de mesas redondas realizadas pelo grupo de pesquisa: Educação a Distância - Formação Docente para o Ensino de Ciência e Tecnologia, da UTFPR – Câmpus Ponta Grossa, durante as atividades do Congresso do Educação de Ponta Grossa, em parceria com Secretaria Municipal de Educação, no ano de 2018.

Os profissionais convidados para as mesas redondas vieram de diversas instituições de ensino e pesquisa, enriquecendo os debates com experiências pedagógicas, enfoques sobre as políticas educacionais e pesquisas sobre a educação. Da diversidade dos participantes, percebemos uma unidade de perspectiva que gira em torno da formação de professores, tanto nos aspectos relacionados aos conhecimentos/conteúdos, como também das metodologias de ensino emergentes, além da formação humana presente no fazer/construir educacional.

A primeiro eixo do livro trata das questões pedagógicas no Ensino de Ciências e Matemática. A qualidade da aprendizagem é ponto central, a partir de novas discussões teóricas e epistemológicas que estimulam a compreensão da ciência. Os textos que compõe esta parte, investigam a formação de professores, a organização de metodologias e a motivação docente, permeados pela perspectiva da ludicidade, situações-problema entre outros. Sim, é um eixo sobre o Ensino de Ciências e Matemática, mas é sobre muito mais! As reflexões contidas nos textos servem para a formação de professores em todas as áreas do conhecimento, pois abordam fundamentos comuns às pesquisas da área.

A formação docente na área da inclusão é o tema do segundo eixo do livro. Outra vez, a formação de professores é discutida a partir de diversos elementos. Surge a discussão da neurociência na relação com a inclusão educacional. Destacamos a importância de estudos sobre a neurociência na educação em geral, especialmente em tempos de tecnologia sem precedentes na humanidade. Além disso, as políticas de inclusão são tratadas a partir da perspectiva da gestão municipal, envolvendo processos da gestão escolar e da participação comunitária, demonstrando avanços e as demandas, ainda necessárias, para qualificar o campo da inclusão. Sim, os artigos tratam das questões da inclusão, mas estão além disso! Eles mostram que a inclusão é um movimento da educação e da formação de professores, em todos os campos, para todos os envolvidos. Além disso, ressaltam que a gestão educacional, as políticas públicas e a neurociência estão, cada vez mais, no centro do debate da educação!

Ao discutir sobre as violências e convivências escolares, o terceiro eixo do

livro traz um conjunto de reflexões e experiências fundamentais para a escola atual, a cultura da paz. Em maio de 2018, a cultura de paz e a prevenção das violências escolares passaram a fazer parte da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Com isso, a necessidade dos estudos e avaliação de experiências deste campo são fundamentais. Os textos desse eixo tratam aspectos filosóficos, metodológicos e experiências concretas da educação para a paz, de forma clara e sistematizada. Sim, os temas são cultura de paz, prevenção de violências e qualificação das convivências escolares, e isso serve para todas e todos os docentes da escola de nosso tempo!

Além dos temas acima que, guardadas pequenas especificidades, trazem um amplo conjunto de perspectivas para todas as áreas de ensino e para a educação de maneira geral, o quarto eixo do livro encaminha a reflexão e a proposição de caminhos a partir das metodologias ativas em EAD. A formação de profissionais em EAD, especialmente de professores, tem passado por muita discussão ao longo dos últimos anos. É urgente qualificar os recursos humanos para a educação e a EAD é parte importante neste processo. Porém, para isso é necessário garantir qualidade da aprendizagem. Assim, este eixo traz discussões sobre metodologia, legislação e propostas na EAD que servem para entender e projetar perspectivas. Sim, essa discussão é sobre metodologias ativas e a EAD, mas serve para todas e todos os professores da atualidade, imersos em formação inicial e continuada em EAD, mas também atentos ao hibridismo que as metodologias ativas levam ao ensino presencial!

Como vemos, esta obra é fruto do caminho da unidade na diversidade, onde diversos temas foram tratados à luz do processo da aprendizagem e da formação de professores, promovendo um intercâmbio de experiências, pluralidade de olhares e abordagens teóricas e epistemológicas que merecem ser observadas em seu conjunto. O século XXI é o século da perspectiva da complexidade, onde o todo e as partes precisam se integrar efetivamente, onde especificidade e totalidade se encontrem, fortalecendo o conhecimento. Desta integração, encontraremos caminhos para avançar, qualificar e tornar a pesquisa em educação mais concreta e sintonizada com o cotidiano escolar.

Portanto, este livro certamente nos traz fundamentos da aprendizagem, reflexões sobre a educação e as políticas públicas, metodologias diferenciadas, experiências educacionais e perspectivas sobre a formação docente. Tudo isso de maneira clara, fundamentada e inspiradora. Lido pela perspectiva da especificidade de cada eixo, será uma contribuição muito importante para os campos do conhecimento. Entendido em sua totalidade/complexidade pode ser um livro fundamental para lançar luz à educação de forma na atualidade! Arrisquem-se na complexidade! Boa leitura!

Nei Alberto Salles Filho

## SUMÁRIO

### EIXO 1: FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICAS

#### **CAPÍTULO 1 ..... 3**

ENSINO DE MATEMÁTICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: DESAFIO E EMOÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Maria de Fátima Mello de Almeida

Agnes Regina Krambeck Cabrini

**DOI 10.22533/at.ed.8711919111**

#### **CAPÍTULO 2 ..... 13**

A ÁREA DA MATEMÁTICA E O TRABALHO PEDAGÓGICO COM CRIANÇAS: ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

Lucimara Glap

Sandra Regina Gardacho Pietrobon

**DOI 10.22533/at.ed.8711919112**

#### **CAPÍTULO 3 ..... 26**

ENSINAR CIÊNCIAS NO ENSINO FUNDAMENTAL: CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO INVESTIGATIVO

Caroline Elizabel Blaszkó

Amanda de Mattos Pereira Mano

**DOI 10.22533/at.ed.8711919113**

### EIXO 2 - FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM INCLUSÃO

#### **CAPÍTULO 4 ..... 45**

CONTRIBUIÇÕES DA NEUROCIÊNCIA PARA A EDUCAÇÃO DO SÉCULO XXI VOLTADA À INCLUSÃO EDUCACIONAL

Fabio Seidel dos Santos

Pauline Balabuch

Daniela Frigo Ferraz

Antonio Carlos de Francisco

**DOI 10.22533/at.ed.8711919114**

#### **CAPÍTULO 5 ..... 60**

POLÍTICA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE PONTA GROSSA/PR NA SEGUNDA DÉCADA DO SÉCULO XXI

Elizabeth da Aparecida Euzebio Alves

Cyntia Roselaine Drago Venancio

**DOI 10.22533/at.ed.8711919115**

**CAPÍTULO 6 ..... 79**

SÍNDROME DE ASPERGER: CONTRIBUIÇÕES PARA ATUAÇÃO DOCENTE NO CONTEXTO ESCOLAR

Eliane Maria Morriesen  
Juliane Retko Urban  
Bruna Braga Volpe  
Teresinha Fátima Almeida  
Antonio Carlos Frasson

**DOI 10.22533/at.ed.8711919116**

**EIXO 3: FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA UMA CULTURA DE PAZ:  
OLHARES A PARTIR E PARA A INFÂNCIA**

**CAPÍTULO 7 ..... 94**

CULTURA DA PAZ: OLHARES A PARTIR E PARA A INFÂNCIA

Araci Asinelli-Luz  
Michelle Popenga Geraim Monteiro  
Tatiane Delurdes de Lima  
Alessandra de Paula Pereira

**DOI 10.22533/at.ed.8711919117**

**CAPÍTULO 8 ..... 108**

CULTURA DE PAZ: ELEMENTOS TEÓRICOS COMO SUBSÍDIO PARA A DISCUSSÃO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Nei Alberto Salles Filho

**DOI 10.22533/at.ed.8711919118**

**CAPÍTULO 9 ..... 120**

VIVÊNCIAS E CONVIVÊNCIAS EM EDUCAÇÃO PARA A PAZ: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM JOGOS COOPERATIVOS

Vânia Katzenwadel de Oliveira

**DOI 10.22533/at.ed.8711919119**

**CAPÍTULO 10 ..... 131**

DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO E ESPIRITUALIDADE COMO MEIOS DE RESOLUÇÃO DE CONFLITOS ESCOLARES À LUZ DOS ARTIGOS 12 E 33 DA LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO

Patrícia Machado Pereira Giardini

**DOI 10.22533/at.ed.87119191110**

**CAPÍTULO 11 ..... 140**

EDUCAÇÃO PARA A PAZ E VIOLÊNCIA NA ESCOLA: UM ITINERÁRIO A PARTIR DA PEDAGOGIA DA AUTONOMIA DE PAULO FREIRE

Virgínia Ostroski Salles  
Antonio Carlos Frasson

**DOI 10.22533/at.ed.87119191111**

## EIXO 4 - FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM METODOLOGIAS ATIVAS EM EAD

<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>153</b>
METODOLOGIAS ATIVAS: PROCESSOS E PERCURSOS DESDE CONFÚCIO À CONTEMPORANEIDADE	
<a href="#">Maria Fatima Menegazzo Nicodem</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.87119191112</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>168</b>
APRENDIZAGEM ATIVA PARA EAD: NOVAS FUNÇÕES DOCENTES	
<a href="#">Iolanda Bueno de Camargo Cortelazzo</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.87119191113</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>184</b>
METODOLOGIAS ATIVAS EM MODELOS HÍBRIDOS NA EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA	
<a href="#">Thuinie Medeiros Vilela Daros</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.87119191114</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>196</b>
NÍVEL DE EFICIÊNCIA DOS CURSOS NA MODALIDADE EAD DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA (UEPG): UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE UM CURSO DE BACHARELADO E UM CURSO DE LICENCIATURA	
<a href="#">Marcus William Hauser</a>	
<a href="#">Antônio Carlos Frasson</a>	
<a href="#">Rogério Ranthum</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.87119191115</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>205</b>
IMPACTO DO NOVO DECRETO 9057/2017 SOB A ÓTICA DOS PROFESSORES QUE ATUAM NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (EAD)	
<a href="#">Cheperson Ramos</a>	
<a href="#">Virgínia Ostroski Salles</a>	
<a href="#">Antonio Carlos Frasson</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.87119191116</b>	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES</b> .....	<b>215</b>
<b>SOBRE OS AUTORES</b> .....	<b>216</b>

## CULTURA DE PAZ: ELEMENTOS TEÓRICOS COMO SUBSÍDIO PARA A DISCUSSÃO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

**Nei Alberto Salles Filho**

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais  
Aplicadas

Ponta Grossa, Paraná

**RESUMO:** A partir da inclusão do tema Cultura de Paz na Lei nº. 9.394/96, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Brasileira, que se deu em maio de 2018, é fundamental considerar tensões teóricas e metodológicas referentes ao tema. Discutir as perspectivas da Cultura de Paz, da Educação para a Paz, da prevenção das violências escolares, além de outros temas relacionados, passam a fazer parte deste momento, onde mudanças podem e devem acontecer nas escolas. A Cultura de Paz como paradigma, a Educação para a Paz como dimensão pedagógica, a complexidade das múltiplas violências e dos conflitos que adentram as instituições educativas, são dimensões iniciais a pontuar neste caminho. Estas questões, pensando em alternativas pedagógicas para a Cultura de Paz na escola, compõem o objetivo deste capítulo, construído a partir de revisão bibliográfica e documental pertinentes ao foco estabelecido.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura de Paz; Educação para a Paz; Escola.

**ABSTRACT:** From the inclusion of the theme Culture of Peace in Law no. 9.394 / 96, the Law of Guidelines and Bases of Brazilian National Education, which took place in May 2018, it is fundamental to consider theoretical and methodological tensions regarding the subject. Discussing the perspectives of the Culture of Peace, Education for Peace, prevention of school violence, and other related topics, are part of this moment, where changes can and should happen in schools. The Culture of Peace as a paradigm, Education for Peace as a pedagogical dimension, the complexity of the multiple violence and conflicts that enter educational institutions, are initial dimensions to punctuate this path. These questions, thinking about pedagogical alternatives to think about the Culture of Peace in school, compose the objective of this chapter, built from a bibliographical and documentary review pertinent to the established focus.

**KEYWORDS:** Culture of Peace; Education for Peace; School.

### O CONTEXTO

Atualmente, não resta dúvida que a violência, nas suas variadas formas, é tema urgente na sociedade brasileira. Da violência estrutural da sociedade às violências

individuais, chegamos a indicadores crescentes no Brasil. Neste cenário, como tema relevante na atualidade, a violência escolar é local onde muitas destas questões passam a ter visibilidade. Questões sociais, como desigualdade social profunda, o tráfico de drogas, as relações interpessoais agressivas e o contexto político e econômico dos últimos anos são os ingredientes de um espaço escolar cada vez maior relacionado a diversas formas de violência.

Os conflitos entre alunos, entre alunos e professores, professores com seus pares, com as famílias e a comunidade, cada vez ocupam mais tempo na estrutura escolar. Mais que isso, conflitos que acabam em violência, em vias de fato, de processos judiciais, quando não terminam em graves agressões e até mortes, fazem parte, infelizmente, do contexto escolar em centenas, talvez milhares de escolas brasileiras.

Diante deste cenário, crescente nos últimos anos, cresceu também o movimento pela necessidade de a escola explicitar tais aspectos em seu projeto pedagógico. Neste sentido, as questões sobre as violências e Cultura de Paz nas escolas avançam no Brasil dos últimos anos, entre avanços e recuos. Um destes avanços, ocorreu em 14 de maio de 2018, quando foi sancionada, pela presidência da República do Brasil, a Lei nº. 13.663, que alterou o artigo 12 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LEI Nº. 9.394/96), que inclui medidas de combate à violência e a promoção da cultura de paz nos estabelecimentos de ensino. Com a alteração, a Lei passa a ter a redação:

IX – promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente à intimidação sistemática (**bullying**), no âmbito das escolas; X – estabelecer ações destinadas a promover a cultura de paz nas escolas.

Esta alteração é reflexo de amplo debate nos últimos anos e que, anteriormente à mudança na lei, tinha garantido espaço para a Cultura de Paz no Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024 (LEI Nº. 13.005/14). O PNE oportunizou que os Estados e Municípios, ao formularem seus planos, pudessem inserir os temas entre suas pautas. Além disso, em 2015, houve a aprovação da Lei nº. 13.185, que instituiu o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*) em território nacional. Portanto, é fato que esta inserção na Lei maior da educação do país possui uma história e desenvolvimento, os movimentos que discutem a gravidade das violências nas escolas, pensando alternativas para tratá-las de forma adequada e pedagógica.

Este capítulo discute questões básicas sobre a Cultura de Paz, a Educação para a Paz, bem como o suporte teórico que pode estar articulado a mudanças educacionais, além de propor caminhos reflexivos para encaminhar processos de construir pedagogicamente a paz nas escolas. Isso se dá a partir de pesquisa bibliográfica e documental, considerando perspectivas contemporâneas na temática. É necessário ressaltar que, para se efetivar um trabalho realmente concreto e que de respaldo à alteração proposta na Lei, será necessária uma discussão

conceitual mínima que forneça subsídios para o entendimento sobre o que se espera sobre projetos de Cultura de Paz nas escolas brasileiras. A falta de reflexão e aprofundamento no tema, poderá ser sua maior fragilidade na implementação no contexto educacional.

## CULTURA DE PAZ

A partir da introdução deste trabalho, já argumentamos que a Cultura de Paz não pode ser entendida por fragmentos de práticas ou de discursos pois, para pensar educacionalmente é necessário partir de uma perspectiva integradora. Além disso, a Cultura de Paz requer uma perspectiva de complexidade, ou seja, um olhar que vá às causas humanas, sociais e ambientais que afetam o ser humano e o planeta, em relação às violências e não-violências. Portanto, a Paz não é só harmonia ou plenitude como se diz, mas, ao contrário, é uma perspectiva construída considerando razão, emoção, práticas sociais, diferentes culturas, as formas de violência, entre outros fatores. Por fim, a Cultura de Paz é tecida intersubjetividade, nas convivências, supondo assim, a importância de processos de ensino e aprendizagem, que trataremos adiante como Educação para a Paz.

Vemos que a Cultura de Paz é um fenômeno complexo e com desdobramento na vida individual e social e com repercussão na natureza/meio ambiente. É importante demarcar que embora violência e paz sejam intimamente ligadas, os estudos da paz também se referem às relações humanas, sociais, culturais, ecológicas e planetárias que se cruzam em níveis micro a macro na vida humana. Neste cenário, a Paz, fundamentalmente tem uma relação direta com a vida melhor, com a dignidade e a não-violência. Vemos isso em Defourny (2006, p. 13) que diz: “Sem dúvida, paz e liberdade são condições indissociáveis para a instauração de sociedades mais justas e equitativas”. Isto relacionada relaciona paz com liberdade, sendo inevitáveis para melhoria da sociedade. Assim, a paz teria uma relação direta com a democracia, para viabilizar os direitos fundamentais e a cidadania, que contribuiriam com uma Cultura de Paz.

Também Ricour (2006, p. 33) explica que “[...] apesar de todas as catástrofes, a guerra e a paz não deixam de construir um par”, o que reafirma que não será possível uma paz plena sem questionar a história, sem considerar os conflitos e sem supor a qualidade das convivências humanas. Portanto, ao discutir sobre a Paz e a Cultura de Paz, com rigor acadêmico, nota-se que sua definição é mais crítica do que se fala no senso comum, onde é associada unicamente como bondade, harmonia e ausência de guerras. A Cultura de Paz é o somatório de democracia e direitos fundamentais agindo para o desenvolvimento da sociedade e do indivíduo, inspirado no ideal da justiça, que de acordo com Sen (p.436): “justiça é uma ideia de imensa importância que moveu as pessoas no passado e continuará a movê-las no

futuro”. Logo, o binômio justiça/injustiça conferem sustentabilidade às perspectivas da paz e da violência.

Já em Ricour (2006) vemos a relação entre violência e paz na importância do equilíbrio e de ciclos necessários de não-violência, seja na sociedade ou entre as pessoas. Isso demanda olhar o mundo com outras perspectivas, superando apenas a ideia das guerras declaradas como o contrário de paz, incluindo as situações de pobreza e repressão que também são formas de sofrimento. É necessário dar “rosto” para o que constitui a paz, para poder explicá-la e construí-la. Sobre isso, Eco (2006, p. 33) reflete: “A paz universal é como o desejo da imortalidade; apesar de ser tão forte, não vemos a possibilidade de satisfazê-lo”. A paz universal, portanto, é uma ideia e um caminho que serve como norte para a construção de uma paz cotidiana, localizada, relacionada à superação das situações de violência, sejam diretas ou estruturais.

Nesta construção, concordamos com Colombo (2006, p. 75) quando diz: “A cultura da paz nada tem a ver com o desejo de que nos deixem em paz”. E prossegue: “Ela é ativa, militante, exemplar, impelida à pregação, mas dispõe de um número reduzido de argumentos e conceitos, proferindo, sobretudo, um certo número de negações”. Assim, temos a noção de que uma Cultura de Paz não pode mais ser entendida como passividade, pelo contrário, é engajada. Mas como atuar na questão do número reduzido de argumentos e conceitos? Nesse sentido, há que se construir, aprimorar, informar e propagar com mais vigor as experiências relacionadas à Cultura de Paz e às práticas pedagógicas da Educação para a Paz. O universo da cultura de violência tem uma força cotidiana da qual muitas vezes não conseguimos nos desvencilhar, e, tal motivo faz com que acreditemos que as “coisas da paz” estejam muitos distantes.

A Cultura de Paz é construção, caminhada e não “enfrentamento” da cultura de violência. Até porque a Cultura de Paz pode se organizar em ações pedagógicas (Educação para a Paz) que será pensada a partir das questões da violência e dos conflitos, procurando as melhores opções para qualificar questões humanas e sociais em relação ao desenvolvimento das pessoas. Assim, uma Cultura de Paz, que realmente possa gerar mudanças, precisa vir impregnada de sensações e emoções e que, precisam, em nosso tempo, de ações planejadas em todos os espaços educacionais. Estas questões indicam que não há possibilidade de “competição” entre conceitos de violência e paz, não é esta a finalidade e, que, são dimensões intercambiáveis, preenchidas por altos e baixos da humanidade, das sociedades, dos diferentes grupos. Mesmo que consigamos, em algum tempo, tender a uma Cultura de Paz mais visível, isso não nos permite falar de alguma Paz eterna, mas sim uma Paz “sustentável”, que mantenha padrões, práticas e valores da não-violência por mais tempo, criando novas formas de ser e conviver que sejam mais preventivas e satisfatórias às realidades violentas.

Outra dificuldade das questões da Cultura de Paz e da Educação para a

Paz, no Brasil, está na sistematização um corpo de conhecimento mais sólido e organizado que lhe dê sustentação teórica. Isso não inviabiliza pesquisas, projetos e práticas educacionais crescentes em quantidade e qualidade. Ao contrário, toda esta informação precisa ser tratada academicamente. As questões tratadas neste “guarda-chuva” da Cultura de Paz e Educação para a Paz estão surgindo de inúmeras práticas humanas e educacionais, porém, a construção das pontes entre as diversas experiências é que levará à consistência necessária para servir como base de motivação e interesse de grupos maiores de educadores. Enfatizamos que neste percurso, o maior erro será o de tentar “unificar” práticas de Paz, como receita especial para acabar com a violência. Sabemos que dentre os aspectos mais caros à Paz estão à diversidade, o multiculturalismo e as dimensões subjetivas dos seres humanos. Logo, propostas de Educação para a Paz de norte a sul do país devem ser valorizadas, mesmo considerando suas particularidades. Por isso falamos em bases, reflexões ou integração conceituais necessárias para esta caminhada.

## EDUCAÇÃO PARA A PAZ

O movimento da Pesquisa pela Paz, ao redimensionar a noção de paz, agrega a ela a discussão sobre as múltiplas formas de violência e também o conceito de conflito. Neste movimento, surge a discussão sobre uma Educação para a Paz, que seria o campo pedagógico da ideia de Cultura de Paz. Assim, acreditamos que é exatamente o conceito de Educação para a Paz que merece atenção neste momento de inserção das questões sobre a violência, o *bullying* e a Cultura de Paz na Lei nº. 9394/96. Diz-se isto, considerando o potencial educativo deste enfoque onde a violência está em reconhecer a origem dos problemas e o conflito é o espaço de mediação de perspectivas, procurando caminhos comuns para a resolução de problemas e a paz, como produto final de um processo dialogado, compartilhado, comunitário e cidadão.

Assim, a Educação para a Paz pode ter papel significativo como elemento educativo, na educação formal ou não-formal, constituindo-se como campo de experiências, reflexões e possibilidades no encaminhamento de práticas educacionais que tenham, como objetivo, tratar das múltiplas violências referentes aos espaços educacionais, na criação de alternativas pedagógicas que favoreçam a não-violência, que melhorem o clima educacional, que qualifiquem as convivências. Se concordamos que a violência, ou as violências, são múltiplas, complexas, multifatoriais, igualmente devemos compreender que pensar em Cultura de Paz também é tarefa complexa.

Diante deste contexto difícil em definir a Cultura de Paz, reafirmamos a Educação para a Paz como campo pedagógico. Ou seja, a Cultura de Paz, no contexto escolar, para ser tratada de forma organizada e adequada, precisa reunir seus esforços em torno do conceito de Educação para a Paz. Assim, há concordância com o que diz

Jares (2007, p.46):

A educação para a paz, como dimensão transversal do currículo, afeta todos os seus elementos e etapas educativas. Os temas transversais fazem referência a um tipo de ensinamento que deve ser recolhido em todas as áreas das etapas pedagógicas, o que dimensiona sua influência em todos os elementos do currículo.

A partir destas premissas, existem muitos esforços teóricos em encontrar equilíbrio conceitual para a Educação para a Paz. Ao mesmo tempo é difícil encontrar aspectos que sintetizem a gama de questões presentes em relação à Cultura de Paz. Fundamentalmente, é defendida a perspectiva de que uma “Cultura de Paz se faz com Educação para a Paz”, ou seja, uma Cultura de Paz não se dá, apenas, por um pensamento universal de harmonia, bondade e felicidade. Antes de tudo, uma Cultura de Paz está no processo de construção e busca de situações que se aproximem de uma vida que reúna condições de bem-estar, tanto individual quanto social, diante de um mundo com incontáveis situações de violência e conflito. Portanto, a Educação para a Paz emerge da busca uma reflexão coerente sobre vida e sociedade.

Conforme os argumentos até aqui, vamos que as perspectivas de paz-violências são discutidas de maneira crítica na construção da Educação para a Paz. Junto a estes conceitos, outro que faz todo sentido é dá significado pedagógico para a Educação para a Paz é o conflito. Sobre isso, Tuvilla Rayo (2004, p.129) coloca bem: “O conflito pertence à natureza humana, indispensável ao crescimento e desenvolvimento das pessoas e das sociedades”. Portanto, enfrentar e resolver conflitos é elemento central da Educação para a Paz, como bem declara Maya (2005, p.77):

Educar para a paz e a convivência não é erradicar o conflito. É impossível erradicá-lo, pois ele é um fenômeno universal inerente ao ser humanos e não deve ser visto como algo negativo. Graças aos conflitos, as sociedades progredem e são alcançadas melhoras para os seres humanos. O que é realmente negativo é a violência pela qual são enfrentados os conflitos.

Portanto, o que vale refletir e, constitui-se numa observação necessária, é a forma como as instituições de ensino abordam as questões da Cultura de Paz, muitas vezes relacionadas apenas a um pequeno conjunto de valores, que acabam por reproduzir formas de perceber o mundo e a vida ainda relacionada às crenças religiosas, por exemplo. Nesse caso, o problema não está na Educação para a Paz em si, mas sim nas concepções de educação subjacentes aos diferentes contextos e espaços educacionais. Assim, para direcionar nossa perspectiva, concordamos com o conceito de Educação para a Paz defendido por Jares (2007, p. 44-45):

[...] concebemos a EP como um processo educativo, contínuo e permanente, fundamentado nos dois conceitos fundadores (concepção de paz positiva e perspectiva criativa do conflito), que, pela aplicação de métodos problematizantes, pretende desenvolver um novo tipo de cultura, a cultura de paz, que ajude as pessoas a entender criticamente a realidade social, desigual, violenta, complexa e conflituosa, para poder ter uma atitude e uma ação diante dela.

Os estudos da paz se baseiam em algumas dimensões conceituais claras segundo Jares (2002): primeiro, a noção de “paz negativa” como aquela paz silenciosa da ditadura ou de várias religiões, mantidas pelo medo e a “paz positiva” como a paz construída nas relações e conflitos tratados positivamente; segundo, a diferenciação entre a violência estrutural e violência direta, que juntas compõe a violência cultural. A “violência estrutural” na forma das questões sociais, desigualdades e injustiças, sistemas de governo entre outras fragilidades, estará relacionada às “violências diretas”, como agressão, homicídio, bullying entre tantas.

Como vemos, se o conjunto de violência estrutural e violência direta geram uma cultura de violência, podemos afirmar que uma paz estrutural, fruto de direitos humanos e cidadania elevadas, em sintonia com uma paz direta das pessoas, com a mudança na forma de relações interpessoais, podem contribuir com a criação de uma Cultura de Paz. Nisso, a Educação para a Paz, nas escolas, pode ser um fator altamente contributivo no enfrentamento de comportamentos sociais violentos e também na compreensão e valorização da organização política e democrática da sociedade. Enfatizamos a importância da articulação entre a violência direta e a violência estrutural para entender a perspectiva da Cultura de Paz em diferentes contextos. No Brasil, essa tarefa é ainda mais complexa, devido à desigualdade e injustiças sociais que compõe o cenário de uma subcidadania (violência), explicada por Souza (2018, p. 101): “A classe trabalhadora é obrigada a fazer da necessidade, ou seja, da dependência inexorável a um padrão mínimo de consumo e de estilo de vida ditado pela privação e ausência de meios, uma virtude”.

## **UMA POSSÍVEL EDUCAÇÃO PARA A PAZ BRASILEIRA: REFLEXÕES E PERSPECTIVAS**

A partir dos argumentos e problemas traçados, retomamos um estudo anterior (SALLES FILHO, 2016) onde a partir de vasta pesquisa bibliográfica e documental<sup>1</sup>, estabelecemos cinco dimensões básicas para pensar a Educação para a Paz no contexto das violências presentes na sociedade brasileira e, suas possibilidades nas escolas, sem desconsiderar as teorias educacionais contemporâneas. Enfatizamos que, quanto maior a densidade da discussão, maior a possibilidade de uma Educação para a Paz que realmente contribua com mudanças sociais importantes para as gerações do presente e do futuro a partir da alteração na Lei nº. 9.394/96.

A partir desta pesquisa (SALLES FILHO, 2016) percebemos que a Educação para a Paz, como campo pedagógico da Cultura de Paz, é marcada por questões como valores humanos, direitos humanos, democracia, relações humanas entre outros. Além disso, utiliza-se a abordagem da complexidade para evidenciar a

---

1. Pesquisa desenvolvida como tese de Doutorado, intitulada “Cultura de Paz e Educação para a Paz: olhares a partir da Teoria da Complexidade de Edgar Morin”, defendida em 2016, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná.

abrangência dos fenômenos da paz e das violências. A partir do aprofundamento desta pesquisa, cinco campos emergem no contexto de uma Educação para a Paz: valores humanos, direitos humanos, conflitos, natureza/meio ambiente e as vivências, bem como a possibilidade de integração entre eles. Cabe ressaltar que a Educação para a Paz precisa ser tratada como um tema transversal nas escolas.

Portanto, tratamos os cinco eixos da Educação para a Paz, resumidamente, da seguinte forma: 1. **Pedagogia dos Valores Humanos:** apresenta os valores como aspecto fundamental da Educação para a Paz. Os valores estão na base do comportamento humano, e vão sendo criados e recriados em sociedade. Como afirmam Braithwaite e Blamey (2006, p.187): “A qualidade consensual dos valores emerge do ponto de vista compartilhado de que são produtos culturais e de que sua percebida desejabilidade foi adquirida no processo de socialização”. Portanto, uma pedagogia de valores é campo fundamental de uma Educação para a Paz; 2. **Pedagogia dos Direitos Humanos:** um eixo que na Educação para a Paz é entendido como tudo que se refere ao “direito à paz” (TUVILLA RAYO, 2004), ou seja, convenções e leis destinadas à promoção e preservação da vida em todos os sentidos, na dimensão individual, social e planetária. Assim a dimensão de dignidade passa a ser colocada como dimensão pedagógica e os direitos humanos como algo “vivo e cotidiano”.

Além das duas primeiras pedagogias, e complementar a elas, justamente pelas diferenças em entender valores humanos e direitos humanos, articula-se o terceiro eixo da Educação para a Paz: 3. **Pedagogia da Conflitologia,** entendida em Salles Filho (2016) como caminho pedagógico para o tratamento das diferenças de pensamento e ação entre as pessoas na sociedades como forma de resolução não-violenta dos conflitos e devem, certamente, fazer parte de um programa de Educação para a Paz. Galtung (2006) diz que os conflitos precisam ser transformados, ou seja, redimensionados criativamente, para que se possa educar para a paz. Além dos três eixos da Educação para a Paz, outro campo articulado à Cultura de Paz é o meio ambiente/natureza, que discutimos (SALLES FILHO, 2016) como: 4. **Pedagogia da Ecoformação:** como a união entre as questões ambientais, dos valores e direitos humanos e conflitos. Assim “tudo passa pela educação para a solidariedade, do compromisso com toda a terra e com os seus habitantes” (NAVARRA, 2008, p. 251). A ecoformação busca a relação entre o ser humano e o ser planetário, que observa a espécie humana, a vida em toda sua relação. Não seria o conjunto de práticas sustentáveis do meio ambiente, mas o redimensionamento da ideia de preservar e sustentar a vida de forma mais plena e realizada com todas as formas de existência do planeta.

As questões tratadas até aqui nos levam a um quinto eixo da Educação para a Paz (SALLES FILHO, 2016): 5. **Pedagogia das Vivências/Convivências:** este eixo, integrados aos anteriores, aponta recursos educacionais em sintonia com os pressupostos das demais pedagogias da paz e que, afirmando dois conceitos

fundamentais, a ludicidade e a corporeidade. Nas palavras de Moraes (2010, p. 54): “Cognição e vida não estão separadas, e o conhecimento acontece no cotidiano da vida, no viver/conviver”; e, ainda Moraes (2010, p. 41) “a educação é um processo de transformação na convivência”. Por isso, ao repensar as vivências e convivências, alteramos a forma de conceber o processo humano e educacional, supondo a integralidade do ser humano, que religa sua essência e existência, baseada na perspectiva lúdica, que compõe alternativas positivas no processo de educar para a paz.

Retomando a análise geral, é clara a relação de integração e articulação entre os cinco eixos propostos para a Educação para a Paz (SALLES FILHO, 2016). Os valores humanos na construção do conjunto de direitos humanos, com seu potencial de conflitos devido à diversidade que marca a cultura e as escolas. Além disso, uma perspectiva ecoformadora para ampliar a reflexão sobre a vida e a existência e, por fim, uma dimensão convivencial, que permite, além dos pressupostos cognitivos da Educação para a Paz, desenvolver aspectos afetivos e sociais dos temas que estão na base da reflexão que vise à construção de uma Cultura de Paz.

Entendendo a complexidade no tratamento dos fundamentos da Educação para a Paz e, a necessidade de pensar na formação de professores que incorpore estas reflexões e conceitos, sugerimos que nas, escolas, o primeiro passo seja no sentido de construir argumentos razoáveis que permitem um nivelamento de perspectivas. Questões chave para os educadores seriam: o que é paz? O que é violência? O que são conflitos? O que é educar para a paz, em nossa escola e comunidade? A partir destas, outras devem ser desdobradas, de acordo com diferentes contextos, diferentes faixas etárias e objetivos educacionais. Certamente na Educação Infantil, questões de valores humanos podem ser mais indicadas do que aprofundar em temas de direitos humanos. No Ensino Médio, direitos humanos e processos de conflitos tem uma dimensão mais robusta para tratar pedagogicamente. Já a ecoformação, no cuidado com planeta e com a sustentabilidade, pode ser adaptado para diferentes níveis de escolaridade. As vivências, que podem desde um pequeno relaxamento corporal para conhecer o próprio corpo e as tensões, passando pelos jogos cooperativos para exercitar a solidariedade, até um teatro representando a violência social, também tem espaço privilegiado na Educação para a Paz.

Como estratégia para esta reflexão e planejamento das ações da paz, ao mesmo tempo em que é feito o levantamento de tudo que a escola já fez dentro das perspectivas da Cultura de Paz, sugerimos a utilização do modelo de “World Café”, uma metodologia de diálogo colaborativo na composição de redes dinâmicas de conversação, que objetivam construir uma inteligência coletiva nos grupos. De acordo com Brown e Isaacs (2016) o processo de construção da inteligência coletiva, em nosso caso considerando a relação paz-conflito-violências na escola, se dá (no World Café) através dos seguintes passos: 1. Estabelecer o contexto: a discussão deve se dar na realidade pretendida para a atuação, relacionando dimensões macro

e micro; 2. Gerar um espaço acolhedor: com as pessoas realmente sintonizadas juntas na situação a ser discutida, em grupos pequenos (3 a 5 participantes); 3. Explorar as perguntas significativas: as questões que realmente são importantes para definir os caminhos; 4. Encorajar a contribuição de todos: empaticamente faça todos se entenderem como um coletivo; 5. Promover a polinização cruzada e a conexão das diversas perspectiva: este é um ponto chave, onde pessoas migram entre os pequenos grupos de discussão, para levar as reflexões e dar densidade para as contribuições coletivas; 6. Escutar juntos os principais pontos, padrões e propostas pensadas por todos: perceber o que a inteligência coletiva criou de caminhos; 7. Colher e compartilhar as descobertas coletivas: socializar com o grupo interno e também com grupos externos aquilo que foi aprendido em conjunto.

Acreditamos que o “World Café” pode ser altamente enriquecedor para este nivelamento de perspectiva do grupo docente, nas questões iniciais da reflexão sobre os projetos de Educação para a Paz nas escolas, especialmente em sua fase inicial de construção. Lembramos que é uma metodologia que pode ser utilizada também com alunos, pais, comunidades etc. Porém, nosso olhar, neste momento é dirigido aos educadores, como grupo que precisa estar efetivamente integrado, para o desenvolvimento de ações consistentes nas escolas. Segundo Brown e Isaacs (2016) a conversação é o processo essencial, por meio do qual, as pessoas pensam e coordenam suas ações em conjunto. Assim, o processo vivo da conversação está no centro da aprendizagem coletiva.

Deste modo, acreditamos que a metodologia sucintamente descrita (World Café) seja adequada às buscas relacionadas à Cultura de Paz e aos projetos de Educação para a Paz, na medida em que a qualificação do diálogo pode favorecer o entendimento coletivo sobre as diversas formas de violência, a importância dos conflitos e a construção coletiva de paz. Neste caso, estariam contempladas duas questões fundamentais: a reflexão profunda sobre a Cultura de Paz, necessária às escolas e, ao mesmo tempo, a qualificação na convivência entre os docentes, para fortalecer os laços coletivos e desenvolver os projetos de Educação para a Paz no cotidiano escolar.

## **CONSIDERAÇÕES**

A inclusão da prevenção das violências e a Cultura de Paz na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LEI N°. 9.394/96) certamente é um grande avanço na legislação da educação no país. Porém, sem estratégias de construção de experiências em larga escala, bem como, pesquisas educacionais para avaliar a qualidade destas propostas educativas, corremos o risco de limitar o potencial da Cultura de Paz como forma de prevenir as violências e qualificar as convivências escolares.

Neste artigo, procuramos trazer aspectos essenciais desta discussão. Primeiro, falar sobre a Cultura de Paz como paradigma possível na disputa de espaços com a cultura de violência. Depois falar da Educação para a Paz, como o campo pedagógico da Cultura de Paz, levantando a relação paz-violência-conflito, este último como elemento altamente pedagógico. Na sequência, apresentamos resumidamente a proposta das cinco pedagogias da paz (SALLES FILHO, 2016) como possibilidade de articular temas sintonizados à Educação para a Paz no Brasil, a partir da integração entre os campos dos valores humanos, direitos humanos, conflitologia, ecoformação e vivências/convivências.

Assim, para proporcionar um início destas reflexões na escola, como forma de favorecer a inteligência coletiva sobre a Educação para a Paz, sugerimos o “World Café” como metodologia interessante e altamente eficaz para construir redes dinâmicas de comunicação. Ressalvamos que é apenas uma possibilidade entre muitas de construir diálogo e planejamento, mas que, apresenta princípios essenciais ao próprio paradigma da Cultura de Paz.

Estamos no ano zero da aprovação desta perspectiva da Cultura de Paz na LDB 9394/96. O que faremos nos próximos anos será fundamental para construir uma Educação para a Paz séria e consistente nas escolas brasileiras. Para isso, a discussão teórica, a reflexão coletiva e a construção de práticas pedagógicas positivas devem ocorrer simultaneamente, com o suporte da pesquisa educacional e apoio das secretarias municipais e estaduais de educação, na construção desta forma de política educacional.

## REFERÊNCIAS

BRAITHWAITE, V.; BLAMEY, R. Consenso, estabilidade e significado nos valores sociais abstratos. In: ROS, M.; GOUVEIA, V. (Orgs). **Psicologia social dos valores humanos**: desenvolvimentos teóricos, metodológicos e aplicados. São Paulo: Senac São Paulo, 2006. p. 181-206.

BRASIL. **Lei Federal nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: < [http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394\\_ldbn1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf) > Acesso em: 17/05/2018

\_\_\_\_\_. **Lei Federal nº 13.663 de 14 de maio de 2018**. Altera o art.12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino. Brasília, DF, 14. Mai. 2018.

\_\_\_\_\_. **Lei Federal nº 13.185 de 6 de novembro de 2015**. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Brasília, DF, 6. Nov. 2015. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm) > Acesso em: 17/05/2018

\_\_\_\_\_. **Lei Federal nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, DF, 25. Jun. 2014. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm) >. Acesso em: 17/05/2018.

BROWN, J., ISAACS, D. **World Café**: construindo nuestro futuro a través de conversaciones poderosas. Bogotá: Lemoine Editores, 2016.

COLOMBO, F. Será que existe uma cultura de paz? In: AHLMARK, P. et al. **Imaginar a Paz**. Brasília: UNESCO, Paulus, 2006. p. 73-78.

DEFOURNY, V. Apresentação. In: AHLMARK, P. et al. **Imaginar a Paz**. Brasília: UNESCO, Paulus, 2006. p. 11-13.

ECO, H. Definições a propósito da paz e da guerra. In: AHLMARK, P. et al. **Imaginar a Paz**. Brasília: UNESCO, Paulus, 2006. p. 39-46.

GALTUNG, J. **Transcender e transformar**: uma introdução ao trabalho de conflitos. Tradução de Antonio Carlos da Silva Rosa. São Paulo: Palas Athena, 2006.

JARES, X. R. **Educar para a paz em tempos difíceis**. São Paulo: Palas Athenas, 2007.

MAYA, B.M. Educar para a administração alternativa de conflitos como via de aprofundamento da democracia. In: VINYAMATA, E. (org.). **Aprender a partir do conflito**: conflitologia e educação. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 75-83.

MORAES, M.C. Ambientes de aprendizagem como expressão de convivência e transformação. In: MORAES, M.C.; BATALLOSO NAVAS, J.M. (orgs.) **Complexidade e transdisciplinaridade em educação**: teoria e prática docente. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010. p. 21-62.

NAVARRA, J.M. Ecoformação: além da educação ambiental. In: LA TORRE, S. (org.) **Transdisciplinaridade e Ecoformação**: um novo olhar sobre a educação. São Paulo: TRIOM, 2008. p. 235 - 260.

SALLES FILHO, N. A. **Cultura de Paz e Educação para a Paz**: olhares a partir da teoria da complexidade de Edgar Morin. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná, 2016.

SEN, A. **A ideia de justiça**. Tradução Denise Bottmann, Ricardo Doninelli Mendes. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SOUZA, J. **Subcidadania brasileira**: para entender o país além do jeitinho brasileiro. Rio de Janeiro: Leya, 2018.

TUVILLA RAYO, J. **Educação em Direitos Humanos**: rumo a uma perspectiva global. Porto Alegre: Artmed, 2004.

# SOBRE OS ORGANIZADORES

**VIRGÍNIA OSTROSKI SALLES** - Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciência e Tecnologia (UTFPR), bolsista CAPES. Mestre em Ensino de Ciências e Tecnologia, na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR - Ponta Grossa). Graduada em Licenciatura em Pedagogia. Pós-graduação em Metodologia de Ensino de Filosofia e Sociologia. Especialista em Educação Especial: Atendimento as Necessidades Especiais. Membro do Grupo de Pesquisa: cultura de paz, direitos humanos e sustentabilidade (UEPG), e, Grupo de Pesquisa: Educação a Distância - formação docente para o ensino de ciência e tecnologia. Experiência como docente na Educação Básica.

**DAMARIS BERARDI GODOY LEITE** - Graduada em Nutrição (UNIFIL). Licenciada em Ciências Biológicas (Claretiano). Especialista em Vigilância em Saúde e Metodologia do Ensino Superior. Mestre em Ensino de Ciência e Tecnologia pela UTFPR. Doutoranda em Ensino de Ciência e Tecnologia pela UTFPR. Atualmente sou professora do Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais - Cescage, onde leciono a disciplina de Atenção Nutricional para o Curso de Enfermagem. Membro do Grupo de Pesquisa: Educação a Distância - formação docente para o ensino de ciência e tecnologia.

**ANTONIO CARLOS FRASSON** - Doutor em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba. Professor Adjunto da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Ponta Grossa. Está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciência e Tecnologia (PPGECT) no Câmpus Ponta Grossa. É líder do grupo de pesquisa Educação a Distância - formação docente para o ensino de ciência e tecnologia. Avaliador institucional e de cursos do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP

# SOBRE OS AUTORES

**ANTÔNIO CARLOS FRASSON** Mestre e Doutor em Educação (UNIMEP-SP). Licenciado em Educação Física. Docente da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciência e Tecnologia (UTFPR), nível mestrado e doutorado. Pesquisa na área de formação de professores, educação à distância, e inclusão. Endereço eletrônico: [acfrasson@utfpr.edu.br](mailto:acfrasson@utfpr.edu.br)

**CHEPERSON RAMOS** – Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciência e Tecnologia (UTFPR). Formado em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Naturais (UTFPR/2018). Membro do grupo de pesquisa Educação a Distância: Formação Docente para o Ensino de Ciência e Tecnologia.

**IOLANDA BUENO DE CAMARGO CORTELAZZO** Professor Adjunto da Universidade Tecnológica Federal do Paraná UTFPR; Coordenadora de Tecnologia na Educação Campus Curitiba na UTFPR. Líder do Grupo de Pesquisa Inovação, Desenvolvimento e Aplicação de Tecnologias Digitais na Educação. Professor das disciplinas de Educação e Tecnologia, Metodologia da Pesquisa Científica e Educação Inclusiva em curso de licenciatura; de Ambientação em EAD; e de Multimeios, Multimídia e Transmídia em Cursos de Especialização. Desenvolveu, com a Profa. Dra. Joana Paulin Romanowski, o Projeto do Curso de Pedagogia, modalidade a Distância da Faculdade Internacional de Curitiba FACINTER autorizado em 2007. Membro da Comissão Estadual do Profucionário da Secretaria Estadual de Educação do Paraná. Sócia-fundadora da ABED Associação Brasileira de Educação a Distância. Completou seu Mestrado em Educação (1996) e Doutorado em Educação (2000) pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Atua principalmente nas seguintes áreas: Educação a Distância, formação de professores, prática pedagógica, educação inclusiva, tecnologias, ambientes de aprendizagem, inovação e educação para o desenvolvimento sustentável. Autora de livros e artigos.

**LUCIMARA GLAP** - Licenciada em Pedagogia, Especialista em Gestão Escolar, Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciência e Tecnologia (PPGECT) – Doutorado - da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Membro do Grupo de Pesquisa “Educação a Distância - Formação Docente para o Ensino de Ciência e Tecnologia” (UTFPR). Professora do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Superior Sant’ana (IESSA). Coordena o Polo de Educação a Distância da Universidade Aberta do Brasil (UAB) Ponta Grossa/PR. <http://lattes.cnpq.br/3186791384827504>. E-mail: [lucimaraglap@hotmail.com](mailto:lucimaraglap@hotmail.com)

**MARCUS WILLIAM HAUSER** Mestre em Engenharia de Produção (UTFPR) e Doutorando em Ensino de Ciência e Tecnologia da UTFPR-Ponta Grossa. Graduado em Bacharelado em Engenharia Civil e Licenciatura em Educação Física. Professor Assistente da

UEPG e Coordenador do Curso de Licenciatura em Educação Física/EaD. Endereço Eletrônico: mwhauser1@gmail.com

**MARIA FATIMA MENEGAZZO NICODEM** - Pós-doutora em Educação com estágio Pós doutoral realizado sob Supervisão da Professora Doutora Teresa Kazuko Teruya (UEM-2017). Doutora em Educação (UEM 2011-2013). Mestre em Linguística (UFSC 2003-2005). Especialista em Linguística Aplicada (PUC-MG 1994). Tem Licenciatura em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (1991). Licenciada em Pedagogia (2014). Licenciada em História (2017). Bacharel em Teologia (2017). Cursando Licenciatura em Filosofia (2017-2019). Técnica em Magistério - Educação Infantil e Infância-Juvenil (1983). Atualmente é professora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Métodos e Técnicas de Ensino, atuando principalmente nos seguintes temas: Concepções Psicopedagógicas do Processo Ensino-Aprendizagem, Metodologia da Pesquisa e Psicologia da Educação. É professora da Disciplina de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Foi Coordenadora dos Cursos Técnicos em Segurança do Trabalho do Campus Medianeira da UTFPR (2006-2013). Coordenou, na UTFPR, o Curso Técnico em Química, o Curso de Ensino Médio, o Curso Técnico Pós-Médio em Segurança do Trabalho e o Curso Técnico PROEJA em Segurança do Trabalho. Atua em EaD - Cursos Pós-Graduação Lato Sensu - UAB e em Cursos Técnicos - E-Tec/Brasil. Coordenou também o Programa Especial de Formação Pedagógica em diversas turmas (entre 1998 a 2008). Doutorado em Ciências da Educação-UTCD (2006-2007).

**ROGÉRIO RANTHUM** Mestre em Engenharia da Produção, Doutorando em Ensino de Ciência e Tecnologia da UTFPR-Ponta Grossa, Bacharel em Processamento de Dados, pela UEPG, Professor na Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Coordenador de Tecnologia do Ensino. Endereço Eletrônico: ranthum@utfpr.edu.br

**SANDRA REGINA CARTACHO PIETROBON** - Doutora em Ensino de Ciência e Tecnologia (UTFPR). Mestre em Educação (PUC-PR). Licenciada em Pedagogia e Letras (UNICENTRO). Docente da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO-PR) no curso de Pedagogia. Tem experiência na formação de professores presencial e a distância, com enfoque na educação infantil, metodologia de ensino, didática e estágio supervisionado. E-mail: spietrobon@unicentro.br.

**THUINIE MEDEIROS VILELA DAROS** Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE (2014). Possui Especialização em Fundamentos Filosóficos e Políticos da Educação (2007) e Alfabetização com ênfase em letramento (2008). Graduada em Pedagogia (2004) pela mesma universidade. Atuou como coordenadora e docente do colegiado de pedagogia da Faculdade União das Américas- UNIAMÉRICA. Coordenou os cursos de Pós-graduação em Educação: Educação Infantil e Alfabetização, MBA Gestão e Direção Escolar e Metodologias Ativas. Autora do livro: Para que serve aprender a ler e escrever? Os sentidos que as crianças atribuem à linguagem escrita (Epígrafe) e A sala de aula inovadora: estratégias pedagógicas para o aprendizado ativo (Penso Editora). Atualmente atua como Head de cursos Híbridos e Metodologias Ativas da UNICESUMAR. Sócia-Fundadora da Têssera Educação.

**VIRGÍNIA OSTROSKI SALLES** - Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciência e Tecnologia (UTFPR), bolsista CAPES. Mestre em Ensino de Ciências e Tecnologia, na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR - Ponta Grossa). Graduada em Licenciatura em Pedagogia, pela Faculdade Secal, Ponta Grossa -Pr. Pós-graduação em Metodologia de Ensino de Filosofia e Sociologia. Especialista em Educação Especial: Atendimento as Necessidades Especiais. Membro do Grupo de Pesquisa: cultura de paz, direitos humanos e sustentabilidade (UEPG), e, Grupo de Pesquisa: Educação a Distância - formação docente para o ensino de ciência e tecnologia. Experiência como docente na Educação Básica. Pesquisa e atua em projetos de Convivências Escolares, Educação para a Paz, Comunicação Não-Violenta, Educação Ambiental, Ecoformação, Formação Inicial e Continuada de Professores e EaD.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-787-1



9 788572 477871